

A mudança de *footing* numa entrevista televisiva: construção e reconstrução de imagens sociais

(The change of footing in a television interview: construction and reconstruction of social images)

Bruna Wysocki

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Universidade de São Paulo (USP)

bruna.wysocki@gmail.com

Abstract: This paper aims to analyze the changes of footing that help to define and / or redefine a social image attributed to participants in a television interview, according to the theoretical principles of sociolinguistics and conversational analysis. Therefore, we emphasize Gregory Bateson (2002) and his studies on framings, Deborah Tannen (1983) and his research on issues related to the construction and interpretation of meanings and Goffman (2002), who worked with concepts such as footing and conversational rituals.

Keywords: footing, framing, interview, image.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar as mudanças de *footing* que contribuem para definir e/ou redefinir uma imagem social atribuída aos participantes de uma entrevista televisiva, de acordo com pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversação. Sendo assim, destacamos Gregory Bateson (2002) e seus estudos sobre enquadres; Deborah Tannen (1983) e suas pesquisas sobre questões relacionadas à construção e interpretação de significados e Goffman (2002), que trabalhou com conceitos como *footing* e rituais conversacionais.

Palavras-chave: *footing*, enquadre, entrevista, imagem.

1. Considerações iniciais

É pertinente aos seres humanos a preocupação em saber se a imagem transmitida aos outros indivíduos, durante um encontro social, é compatível com aquela que realmente desejam transmitir aos que os observam. Seja pela aparência física, seja pelo discurso construído em uma interação verbal, torna-se comum o anseio em garantir uma imagem conforme valores sociais aceitos em determinada cultura.

No que se refere aos homens públicos, envolvidos com políticas partidárias, sabemos que precisam veicular uma imagem apropriada para conseguirem atingir seus objetivos: entre eles, vencer uma eleição. Neste caso, o trabalho com a construção de uma imagem, compatível com valores e crenças de uma sociedade, torna-se essencial, conforme salienta Goffman (2004, p. 12).

A interação, considerada um processo verbal e social, estará presente nas entrevistas, em que encontramos sujeitos que interagem por meio de perguntas e respostas e elaboram seus enunciados, conforme seus objetivos. Ao interagirem, os participantes de uma entrevista têm por objetivo não só a troca de informações, mas também o intuito de compreenderem e de se fazerem compreender.

Como há revezamento de posições, (entre quem fala e quem interpreta), cada participante de uma interação verbal contribui, parcialmente, no projeto de construção de sentido do outro, ou seja, a interação é uma atividade cooperativa, em que seus interlocutores contribuem para sua elaboração (BRAIT, 1999, p. 195).

Porém, para que os interactantes possam colaborar, é necessário que entendam as mensagens transmitidas pelos seus interlocutores e, assim, torna-se essencial o reconhecimento de dados contextuais que informem como o interactante deve compreender e quais as ações deve realizar, a fim de que seja compreendido, de acordo com suas intenções. Deste modo, a interação é um lugar de construção de sentidos e relações sociais.

Para que possamos estudar a influência das mudanças de *footing* na construção e/ou reconstrução da imagem social de um interactante, durante uma interação verbal, apresentaremos a seguir algumas considerações sobre contexto, enquadre e esquema.

2. A influência do contexto nas interações face a face

A noção de contexto tem sido estudada por várias áreas do conhecimento (Linguística, Pragmática, Psicologia, Sociolinguística, Etnolinguística) e, segundo Duranti e Goodwin (1992, p. 2), isso torna difícil formularmos uma definição de contexto única, precisa e técnica, pois a noção de contexto envolve uma perspectiva bastante restrita e apresenta tratamentos divergentes:

the terms means quite different things within alternative research paradigms, and indeed even within particular traditions seems to be defined more by situated practice, by use of the concept to work with particular analytic problems, than by formal definition.¹

Entretanto, essa complexidade exposta pelas diversas teorias aponta para a preocupação e importância do estudo sobre o contexto e sua influência na compreensão das atividades da linguagem. Assim, segundo os autores (DURANTI; GOODWIN, 1992), o contexto pode ser entendido como um enquadre (*frame*) que envolve o evento examinado e fornece pistas para uma interpretação apropriada.

Isso nos permite dizer que os interactantes interpretam o que está acontecendo com base nas informações de um enquadre interacional e conceitual, o que relaciona os estudos do contexto com uma noção cognitiva que vai além das características físicas de produção.² Consideraremos, portanto, nas interações verbais, que informações de ordem social e cognitiva relacionam-se em um processo de compreensão do discurso, ou seja, o conhecimento da situação social e de normas comunicativas, juntamente com informações cognitivas, tais como crenças, opiniões, conhecimentos prévios e

¹O termo significa coisas bastante diferentes dentro de paradigmas de pesquisa alternativos e até mesmo dentro das tradições particulares que parecem ser mais definidas pelas práticas situadas, pelo uso do conceito para trabalhar com problemas analíticos do que com uma definição formal.

² Malinowski (1923) e Halliday (1978) propõem o conceito de contexto de situação, numa referência às características encontradas no entorno material (cenário, atos e acontecimentos) e que são pertinentes ao discurso produzido. Coseriu (1962) denomina contexto extraverbal o conjunto de circunstâncias não-linguísticas que, física ou culturalmente, envolvem o ato de enunciação e distingue-os em: contexto físico, contexto empírico, contexto natural, contexto prático ou ocasional, contexto histórico e contexto cultural. Parret (1988), ao estudar os 'tipos' de pragmática, aponta cinco tipos de contextos, a saber: contexto contextual, contexto existencial, contexto situacional, contexto acional e o contexto psicológico. Apesar da existência de vários contextos, conforme explicitamos brevemente, preferimos delimitar dois contextos em nosso trabalho – o situacional e o cognitivo – devido à relação estabelecida entre estes e a escolha de estratégias discursivas para a reconstrução da imagem.

enciclopédicos são estrategicamente acionados pelos interactantes com o intuito de compreenderem-se mutuamente.

Dessa maneira, numa perspectiva sociointeracional, Gumperz (1997, p. 230) considera que “a noção de contextualização precisa ser entendida com referência a uma teoria da interpretação” e, numa noção mais dinâmica de contexto, propõe uma propriedade de “mão dupla”, no sentido de que o uso linguístico tanto reflete (situa a produção discursiva) como produz contextos (é gerado no processo comunicativo). Assim, a relação entre discurso e contexto se baseia num duplo movimento, em que o discurso é condicionado pelo contexto, ao mesmo tempo em que pode transformar esse mesmo contexto, durante uma interação verbal.

Numa perspectiva cognitiva, Van Dijk (2004, p. 17) comenta que o contexto envolve o processamento e interpretação de informações exteriores e o uso de informações internas e cognitivas. Posteriormente, o mesmo autor (VAN DIJK, 2005, p. 24) complementa essa informação ao atribuir ao contexto categorias as quais definem as condições físicas de sua produção, como a definição global da situação, a localização (tempo e espaço), as ações em curso (discursos e gêneros do discurso), os vários papéis dos participantes da interação (comunicativo, social e institucional); e categorias que definem representações mentais como finalidades, conhecimento, opiniões, atitudes e ideologias.

Ainda segundo esse estudioso (VAN DIJK, 2005), ao abordar as características do contexto, propõe o estudo de modelos mentais que fornecem as informações relevantes para a produção e compreensão de enunciados. Esses modelos constituem representações cognitivas de experiências pessoais relativas a ações, acontecimentos ou situações particulares, localizados na memória episódica.³

Isso significa que nossos conhecimentos, obtidos de experiências anteriores e os quais utilizamos para preencher as informações não explicitadas durante a interação, com o intuito de produzirmos ou entendermos os enunciados de acordo com os propósitos dos interactantes, são armazenados na memória.

É preciso destacar, dada sua importância, os conceitos de dois modelos cognitivos responsáveis pelos conhecimentos de mundo necessários à compreensão e que se relacionam com o contexto, construído e interpretado durante a conversação: os esquemas e enquadres.

3. Esquemas e enquadres

Entre os autores que se preocuparam com os elementos estruturais da situação de fala, destacamos Gregory Bateson (2002) e seus estudos sobre enquadres, Deborah Tannen (1983), que trabalhou com as questões relacionadas à construção e interpretação de significados e Goffman (2002), com seu conceito sobre *footing* e rituais conversacionais.

3 Segundo Kato (1993, p. 52), existem três tipos de memórias: a de curto termo, onde armazenamos uma quantidade limitada de sequências de números ou de palavras; a de médio termo ou operacional, que comporta o conteúdo proposicional, ou seja, as unidades lógicas de significado; e a de longo prazo, onde são guardadas as informações mais permanentes, como o conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo. Na memória de longo termo é que encontramos a memória episódica, onde ficam registrados os fatos particulares vivenciados pelo indivíduo, e a memória semântica, onde se encontram as informações adquiridas pela transmissão do saber, seja através da escrita, do som ou da visão.

Para Bateson (2002, p. 90), os interlocutores estão preocupados em identificar sinais que contextualizam os enquadres, a fim de que possam fornecer uma resposta adequada à situação presente e contribuir com mais eficiência na construção da comunicação em curso – para identificarmos se um enunciado é uma brincadeira ou uma ironia, precisamos identificar pistas, durante a interação, que possibilitem a interpretação de acordo com as intenções do locutor; porém, nem todas as pistas servem para interpretar um evento – é o caso da ironia, em que o sinal verbal pode não dar pistas ao interlocutor de que a situação não deve ser entendida como uma brincadeira.

Dessa forma, para entendermos se o enunciado é, de fato, uma brincadeira, ou ironia, precisamos selecionar, entre os sinais, aqueles que devem ser incluídos e atuam como premissas para a interpretação de um evento. Esses sinais constituem metagensagens que, implicitamente, fornecem instruções de como o interlocutor deve interpretar e/ou produzir um enunciado. O enquadre seria, dessa maneira, o resultado do uso de premissas ou metagensagens que orienta a compreensão do enunciado.

Tannen (1983, p. 21) considera que o enquadre, enquanto resultado de premissas, também deve ser o resultado de conhecimentos prévios compartilhados. A autora propõe o conceito de estruturas de expectativa, isto é, conhecimentos adquiridos pelas pessoas através de experiências anteriores e que são compartilhados em determinada sociedade. Esses conhecimentos compartilhados é que nos possibilitam realizar associações e inferências sobre pessoas e acontecimentos durante uma interação.

Ao interagirem verbalmente, os interactantes acionam sinais indicadores das estruturas de conhecimento que devem ser utilizadas para compreenderem um determinado enunciado. Nessa perspectiva, podemos dizer que a interpretação ocorre em função da seleção e sinalização de certas estruturas de expectativa.

Tannen e Wallat (2002, p. 183) distinguem duas estruturas de expectativas: os enquadres interativos e os esquemas de conhecimento. A primeira categoria, enquadre interativo, refere-se à interpretação feita pelo interactante, a respeito do que acontece em uma interação; ocorre quando um interactante constrói o sentido referente ao que está sendo feito em uma interação. Ele “situa a metagensagem contida em todo o enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito.” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002).

A segunda categoria, “estrutura de conhecimento”, conhecida como *esquemas*, refere-se às expectativas dos interactantes em relação às pessoas, objetos, cenários e modos de interação. É o conhecimento de experiências anteriores que auxiliam no entendimento do significado de uma elocução. Essas experiências anteriores é que nos possibilitam preencher informações não proferidas no enunciado.

A distinção entre os enquadres interativos e os esquemas de conhecimento proposta por Tannen e Wallat (2002, p. 183) possibilita-nos analisar as interações tanto numa perspectiva interacional, em que os interactantes sinalizam e negociam mudanças contextuais, quanto numa perspectiva de sentido, em que os interactantes adquirem e utilizam conhecimentos prévios para associarem a situações comunicativas, com o intuito de interpretarem e fazer compreender os enunciados.

Nas interações, os interactantes estão sempre propondo ou mantendo enquadres, que orientam e organizam o discurso em relação ao contexto. Isso nos permite observar que há uma ligação entre os esquemas (esquemas de conhecimento) e os enquadres interativos, pois o interactante precisa estabelecer relações entre o enquadre definido

em determinada interação e seus conhecimentos adquiridos em experiências anteriores (esquemas), para que possa, enfim, interpretar o que está sendo comunicado.

Com o intuito de indicarem como os interactantes enquadram os eventos, as autoras (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 192) recorrem às pistas e aos marcadores linguísticos, numa tentativa de explicarem as mudanças de enquadres por meio de uma base estrutural, ou seja, através das mudanças de *footing*.

4. As mudanças de *footing* e as pistas de contextualização

Ao discutir o conceito de *footing*, Silva (2003, p. 188) o define como uma questão situacional presente na interação e que designa “a sinalização das mudanças na projeção de identidade ou na orientação dos participantes em relação uns aos outros e em relação ao processo interacional”.

Sendo assim, o *footing* é um alinhamento, uma postura, uma projeção pessoal em relação ao outro interactante, a si mesmo e ao discurso em construção (GOFFMAN, 2002, p. 107). Uma mudança do *footing* acarreta uma mudança no alinhamento assumido pelos interactantes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução, isto é, ao detectarmos uma mudança de *footing*, encontramos também uma mudança no enquadre.

Entendido desse modo, constituem o aspecto dinâmico dos enquadres e, principalmente, a sua natureza discursiva. Numa situação face a face, os *footings* são “introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação” (GOFFMAN, 2002, p.?)

Assim, cada enquadre interativo faz com que o interactante estabeleça um *footing* distinto, isto é, os participantes de uma interação procuram um alinhamento para si e para os outros participantes, conforme o enquadre estabelecido. Se houver uma mudança de enquadre, esses participantes precisam se alinhar novamente, de acordo com a nova situação estabelecida, ou seja, precisam provocar um *footing*.

A esse respeito, Aquino (2005, p. 175) destaca:

A percepção do alinhamento, enquadres e de suas dinâmica auxiliam na formulação dos enunciados imediatos e na compreensão das metamensagens que devem ser recuperadas pelos interlocutores durante a organização do discurso do qual participam.

Isso quer dizer que, se a cada mudança de enquadre ocorrer uma mudança de *footing*, as pistas e marcadores que sinalizam as mudanças de *footing* podem também nos auxiliar na observação das mudanças de enquadres, ou seja, para entender os objetivos do locutor ao produzir uma elocução, o interlocutor precisa reconhecer marcas no discurso que sinalizem a mudança de *footing*, chamadas, por Gumperz (2002, p.152), pistas de contextualização, e assim entendidas :

(...) é através de constelações de traços presentes na estrutura da superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que se precede ou sucede. Tais traços são denominados *pistas de contextualização*.

É possível dizer, a partir do exposto, que os participantes de uma interação verbal utilizam pistas de natureza sociolinguística tanto para sinalizarem seus propósitos comunicativos, quanto para inferirem os propósitos conversacionais de seus interlocutores. São pistas linguísticas, as alternâncias de código, de dialeto ou de estilo, as escolhas lexicais e sintáticas, expressões pré-formuladas, aberturas e fechamentos conversacionais; pistas paralinguísticas, o valor das pausas, o tempo da fala, as hesitações; pistas prosódicas, a entoação, o acento, o tom; e pistas não-verbais, o direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores e suas posturas, os gestos.

Dessa forma, consideraremos que o *footing* só pode ser identificado pelo interlocutor se este perceber as pistas linguísticas sinalizadas pelo locutor, as quais o conduzirão a interpretar o contexto em que ocorre o evento.

Gumperz (2002, p. 153) considera que as pistas de contextualização só podem ser estudadas dentro de um contexto, visto que fazem parte do processo interativo. Quando ocorrem, mudam o caráter do que aconteceu anteriormente e remodelam todo o curso de uma interação. Assim como diferentes esquemas e enquadres podem ocasionar mal-entendidos, o não reconhecimento da função de uma das pistas de contextualização pode, também, provocar uma divergência de interpretação.

A seguir, apresentaremos as bases estruturais definidas por Goffman (2002, p. 136) para explicar as mudanças de *footing*, numa perspectiva sociolinguística: a estrutura de participação, o formato de produção e o conceito de encaixamento.

5. As bases estruturais do *footing*

Para Goffman (1986, p. ??), o verbal e o social não podem ser separados, visto que os eventos de interação representam o lugar onde são determinadas a imagem e a ordem social. Sendo assim, na entrevista televisiva, temos a presença de entrevistadores e entrevistados preocupados em construir e/ou reconstruir uma imagem social através da interação verbal.

Nas entrevistas televisivas, podemos observar que os interactantes não só trocam informações mas, ao desempenharem seus papéis discursivos e sociais, constroem juntos o discurso, numa tentativa de influenciar os outros participantes da interação. Deste modo, consideramos “todos os destinatários de uma mensagem, mesmo aqueles que não são tão evidentes, exercem um importante papel no desenvolvimento da interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p. 89).

Um indivíduo que fala pode desempenhar papéis ou funções em relação aos outros participantes da interação. Porém, segundo Goffman (2002, p. 128), os conceitos falante e ouvinte não são suficientes para explicar as posições de participação e a complexidade dos papéis comunicativos. Assim, ao tratar da estrutura de participação, o autor (GOFFMAN, 2002) aborda questões ligadas ao ouvinte, enquanto o formato de produção refere-se às questões relacionadas ao falante.

Em relação àquele que acompanha o enunciado do locutor, o indivíduo poderá participar da interação como um ouvinte ratificado (aquele que faz parte da interação) ou não-ratificado (que não faz parte diretamente da interação). Entre os ratificados, há três tipos de *status*: ouvinte endereçado (a quem a fala é dirigida diretamente), ouvinte não-endereçado (a quem a fala não é dirigida especificamente, mas tem *status* participativo) e plateia (conjunto de ouvintes em contextos institucionais).

Assim, a relação de um dos interactantes com um enunciado é considerada um “*status* de participação”, enquanto a relação de todos os participantes de uma interação com um enunciado é o que Goffman (2002, p. 136) denomina “estrutura de participação”.

É importante notar também que as posições estruturais podem se alterar, pois, em uma interação com mais de duas pessoas, alguns de seus participantes podem iniciar uma “comunicação subordinada”, ou seja, uma conversa próxima ao local em que acontece a “comunicação dominante”. Goffman (2002, p. 129) apresenta três possibilidades de “comunicação subordinada” durante uma interação verbal: “jogo paralelo” (entre participantes ratificados), “jogo cruzado” (entre participante ratificados e não-ratificados) e “jogo colateral” (palavras murmuradas entre participantes não-ratificados).

Na proposta de Goffman (2002, p. 133), o formato de produção é constituído pelos conceitos de animador (quem produz sonoramente o texto), autor (quem produz o conteúdo do texto) e responsável (quem delimita sua posição em relação ao texto, ou seja, aquele que está comprometido com o que as palavras expressam).

Desta maneira, num texto memorizado e recitado em voz alta, é possível que um animador produza sonoramente um enunciado sobre cujas formulações não tenha qualquer responsabilidade, ao mesmo tempo em que transmite opiniões e sentimentos alheios. Já no caso da tradução simultânea de um discurso, encontramos um responsável comprometido com os enunciados, mesmo que estes não tenham sido elaborados por ele. Esses exemplos contribuem para percebermos que o termo falante não é suficiente para diferenciar o papel de animador, autor e responsável.

A possibilidade de alternância dessas posições contribuirá para que os participantes de uma interação percebam a mudança de *footing*: uma nova projeção de identidade será realizada. Porém, essas estruturas e formatos só contemplam questões sociológicas de uma base estrutural para a análise de *footing* e, para que possamos proceder a um estudo linguístico que englobe também questões do caráter auto-referencial e independente do discurso, Goffman (2002, p. 136) propõe um exame dos encaixamentos nas construções dos enunciados.

Segundo esse estudioso, ao analisar as variações nos formatos de produção, o animador, em seu discurso, pode citar o que ele próprio disse, ou o que uma outra pessoa disse, em um momento sobre o qual se está falando. Nesses casos, encontramos dois animadores: um que anima os sons ouvidos, quando ocorre o discurso, e um “animador encaixado”, ou seja, uma “figura” encaixada no discurso pertencente ao “universo sobre o qual se está falando” (GOFFMAN, 2002, p. 137).

Logo, quando optamos por citar em nosso discurso o que foi dito por outra pessoa, provocamos uma mudança em nosso *footing*: “Pois, obviamente, quando em vez de dizermos algo nós mesmos, optamos pelo relato do que o outro disse, estamos mudando nosso *footing*” (GOFFMAN, 2002, p. 141).

Essas explicações sobre enquadres, esquemas e *footing* possibilita-nos analisar o contexto, em interações face a face, a partir de dois aspectos: o primeiro refere-se às análises dos processos de organização pelos quais os conteúdos mudam de um instante a outro; o segundo corresponde às observações dos processos de cognição social, por meio dos quais os interactantes monitoram os indicadores verbais e não verbais de tais mudanças (ERICKSON; SHULTZ, 2002, p. 234).

A seguir, para melhor elucidar os conceitos abordados e demonstrarmos como as mudanças de *footing* podem ser utilizadas em favor da construção e/ou reconstrução de imagens sociais, indicaremos alguns exemplos obtidos do *corpus* destinado à pesquisa.

6. Análise do *corpus*

O *corpus* utilizado neste trabalho constitui-se de uma entrevista televisiva, transmitida pelo SBT, em agosto de 1998. Na ocasião, o entrevistado, ex-presidente Fernando Collor de Melo, locutor 2 (L2), pretendia candidatar-se novamente à Presidência da República, após ter sido afastado em 1992 de seu cargo político, devido às denúncias de corrupção no governo federal. Seu auditório é composto por estudantes de ensino médio e universitário, indicados pelos locutores 3, 12 e 13 (L3, L12, L13), que solicitam ao apresentador e mediador Sérgio Groisman, locutor 1 (L1), a oportunidade de realizarem perguntas ao entrevistado.

Para entendermos os enunciados produzidos, precisamos ter armazenados, em nossa memória, os esquemas de conhecimento que nos permitam associar o que está sendo enquadrado com os acontecimentos que ocorreram no passado político do país. Assim, na pergunta realizada por L3, no exemplo 1, verificamos a necessidade de interactantes buscarem esquemas de conhecimento, armazenados em suas memórias, que lhes informem aquilo que não está expresso no enunciado, como o significado de *impeachment* e os acontecimentos relacionados a esse processo, ocorridos na época em que o entrevistado, Fernando Collor de Melo, elegeu-se Presidente do Brasil.

- (1) L3: Rodrigo do Colégio Arbes... o senhor acredita que foi julgado e condenado por que estava num partido de menor poder político? assim... se o Sr. estivesse num PMDB ou num PFL se não... não seria condenado... no *impeachment*?

Entretanto, podem ocorrer situações interacionais em que os participantes tenham diferentes esquemas, ocasionando, assim, mal-entendidos ou até mesmo uma mudança nos enquadres interativos: “quando os participantes têm diferentes esquemas, o resultado pode ser confusão, conversa cruzada e, com frequência, o surgimento de mudança nos enquadres interativos” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 206).

No exemplo a seguir (2), destacamos o segmento em que verificamos que a entrevistadora propõe um enquadre “edição do debate entre Lula e Collor realizada pelo Jornal Nacional”, conforme seu esquema acionado, e o entrevistado manifesta desconhecimento, ou seja, seu esquema não é o mesmo da entrevistadora e, por isso, ele não reconhece o enquadre proposto por ela.

Podemos observar que o entrevistado, para responder a pergunta de L13 emprega uma estratégia argumentativa em que compara e qualifica sua atuação no primeiro e no segundo debates, a fim de mudar o enquadre (a ajuda da Rede Globo) criado pela entrevistadora (L13). Através dessa estratégia, Collor propõe um novo enquadre, de acordo com seus objetivos: o último debate lembrado pelas pessoas foi aquele em que teve uma melhor atuação.

- (2) L13 já que tava falando de manipulação... eu queria saber se... você não acha que se não tivesse sido tão ajudado pela Rede Globo... principalmente no seu último debate com o Lula que foi editado para ser passado no Jornal Nacional se o senhor teria ganhado as eleições? ((gritos e aplausos do auditório))

- L2 (...) é difícil haver manipulação quando a transmissão é ao vivo... que manipulação pode haver?... nenhuma manipulação eu acredito que o o... o fundamentalmente o que... o que houve... o que houve... o que houve do mesmo modo que no primeiro debate eu não fui bem... no segundo debate eu acho que fui melhor que o Lula... então o que ficou foi a impressão do último debate
- L13 mas a edição que eu estou falando é::um resumo que foi feito pra ser passado no Jornal Nacional... eles fizeram um resumo de seis minutos... que passou:: praticamente :: um minuto a mais do senhor falando que o Collor/que o Lula
- L2 bom isso aí eu não não imaginei não peguei não sei ((vais do auditório)) mas fundamentalmente o que houve foi isso quer dizer o debate passou ao vivo... o debate passou ao vivo

Entretanto, ao constatar que a resposta do entrevistado não foi satisfatória, o locutor L13 propõe um realinhamento para que o entrevistado possa entender o enquadre da pergunta e, pela segunda vez, Collor (L2) não reconhece o enquadre proposto por L13 e não responde satisfatoriamente, conforme o enquadre sugerido pelo entrevistador L13.

No exemplo 3, diferentes esquemas resultam na mudança de enquadre provocada por L1 e faz em que L2 se realinhe de acordo com o novo enquadre: “me refiro/quer dizer é uma força de expressão”.

- (3) L2: (...) e o que eu desejo agora... é nada mais nada menos... que seja dado o diREItO ao eleitor de fazer esse julgamento... sem intermediários... que votem contra mim ou a favor de mim... mas o eleitor... representando a sua consciência representando o seu desejo representando as suas expectativas... e não que... meia dúzia de gatos pingados... lá no Congresso Nacional... se arvorem no direito de em nome de 35 milhões de eleitores... de fazerem o que fizeram (...)
- L1: agora...é ...quando quando ((aplausos)) quando o senhor fala ((pausa prolongada)) quando o senhor fala quatro ou cinco gatos pingados... o senhor tá se referindo a maioria do Congresso naquele momento... TAMBÉM eleito pelo povo assim como o senhor?
- L2: sem dúvida sem dúvida/me refiro/quer dizer ao Congresso Nacional comandado... por este que eu já falei o nome... e que em nome de 35 milhões... né?... tomaram aquela atitude sem terem autoridade moral é uma força de expressão... eu me refiro ah::

Assim, no momento em que o entrevistado L2 compromete-se com seu enunciado, inserido no discurso de L1 (exemplo 3), observamos a ocorrência do *footing* (GOFFMAN, 2002): por meio da metadiscursividade,⁴ L2 reenquadra o que foi dito de acordo com o novo enquadre proposto por L1 (“me refiro/quer dizer”).

Podemos verificar, ainda no exemplo 3, que o mediador se ajusta na posição de entrevistador, o que ocasiona uma mudança em seu *status* (GOFFMAN, 2002, p. 126): de participativo de plateia (conjunto de ouvintes ratificados a quem a fala é direcionada)

⁴ O metadiscorso caracteriza-se por ser um discurso que se torna evento e objeto de menção, fazendo referência ao próprio processo discursivo. Segundo Risso e Jubran (1998), os enunciados metadiscursivos operam no âmbito da atividade enunciativa, em que evidenciam momentos de processamento verbal na interação, estabelecendo-se como elementos de antecipação, avaliação e comentários da produção discursiva.

transforma-se em ouvinte ratificado endereçado (aquele a quem a fala é dirigida especificamente). Ao mudar seu *status*, L1 deixa de ser um mediador e transforma-se em entrevistador, alinhando-se, portanto, de acordo com o novo enquadre criado.

No momento em que o entrevistado responde uma pergunta elaborada pelo mediador, este assume o *status* de ouvinte ratificado endereçado, já os adolescentes presentes no programa e os telespectadores possuem o *status* de plateia.

No exemplo 4, Collor procura uma aproximação da imagem popular de Lula, o candidato que, em 1998, era o principal opositor do governo de Fernando Henrique Cardoso.

(4) L2: porque... o Lula e outro dia num programa de rádio... outro dia num programa de rádio... outro dia emBOra eu ache que num segundo turno estaremos novamente eu e Lula... mas num ((gritos da plateia)) num programa ((gritos da plateia)) me permitam dizer isso ((gritos da plateia)) bom ((silêncio)) mas deixa eu dizer... deixa/deixa eu dizer... então eu estava num...num programa... num programa de rádio num debate... e me perguntaram alguma coisa sobre o:... eleição e sobre:: o Lula ...e tal e eu me referi ao Lula como o companheiro Lula... e havia dentre os jornalistas dois que eram do PT... e eles intrigados com aquilo de companheiro companheiro aí ele me pergunta... mas pera aí... como chamá-lo de companheiro... ele não é seu companheiro... aí eu disse engano seu... nós fomos companheiros no:: na campanha das diretas... nós fomos companheiros na disputa pela presidência em 89... e hoje somos companheiros na mesma visão crítica que TEMos... do governo FHC... então não posso /posso dei/ é:: é:: deixar de dizer que eu me considero HOje... e nessas circunstâncias um companheiro... e falo...e falo que num segundo turno embora eu acredite... segura e sinceramente... que num segundo turno estaremos Lula e eu novamente reedidando... a final de 89... se houver... se houver se...não der isso... e se der Fernando Henrique e Lula... eu votarei em Lula para presidente

Assim, o entrevistado se intitula companheiro de Lula, numa referência aos ideais políticos positivos almejados pelos dois: “nós fomos companheiros no:: na campanha das diretas... nós fomos companheiros na disputa pela presidência em 89... e hoje somos companheiros na mesma visão crítica que TEMos... do governo FHC...”. A própria concepção da palavra “companheiro” utilizada por Lula ao tentar aproximar seu interlocutor do grupo formado por seu partido (Partido dos Trabalhadores – PT) é alterada, de acordo com os objetivos de Collor: a palavra “companheiro”, no exemplo 4, indica a participação de Collor e Lula em momentos importantes da história brasileira, como nas Diretas Já e nas Eleições de 1989. Desta maneira, podemos observar que Collor emprega a palavra “companheiro” sob um novo enquadre: no sentido de participarem juntos de alguns fatos históricos, mesmo que em partidos diferentes.

No exemplo seguinte (5), o entrevistado, sabendo que seus interlocutores e o público-alvo do programa são jovens, procura aproximar-se de valores que presume serem positivamente aceitos entre os participantes do programa (“sempre pratiquei os meus esportes a vida ao ar livre e... nas vezes que eu posso falar com pessoas como vocês eu sei que vocês gostam também muito de esportes”).

(5) L2 (...) eu sempre fui uma pessoa dedicada a uma vida exTREmamente saudável... sempre fui... sempre fui... desportista... não é?... sempre pratiquei os meus esportes a vida ao ar livre e... nas vezes que eu posso falar com pessoas como vocês eu sei que vocês gostam também muito de esportes eu digo olha minha gente... vão pro esporte vão pra fazer uma atividade física deixa essa coisa de droga de lado porque não leva... ninguém a nenhum lado... então eu quero é exaltar é exaltar a saúde... a condição e o condicionamento físico... como uma maneira que nós temos de administrar BEM... aquilo que Deus nos deu que foi o nosso corpo... se nós não administrarmos BEM... o nosso corpo cuidando da nossa saúde... nós não saber/ saberemos administrar nada na nossa vida.

Assim, para aproximar-se de seu público-jovem, define-se como uma pessoa saudável e, ao relatar seu gosto por esportes, L2 produz encaixamentos (GOFFMAN, 2002, p. 136) através do pronome “eu” (“eu digo”; “eu quero”), sinalizando mudanças de *footing* para novos enquadres: o locutor se projeta no discurso para aconselhar seu interlocutor (“eu digo”) e, em seguida, indicar os benefícios que o esporte traz à saúde (“eu quero”).

No exemplo seguinte (6), a manipulação é o tópico proposto pela locutora L12, que identifica, no desejo de Collor em se candidatar novamente, uma ameaça à face⁵ daqueles que foram a favor de seu *impeachment*.

- (6) L12 é:: eu quero saber se:::assim/se:: quer se submeter a um julgamento popular agora né?... então eu quero saber se você não acha... que:: o seu poder de persuasão é maior que a capacidade de discernimento do povo que não tem cultura e não tem e...ducação necessária pra/e é facilmente manipulado? ((gritos e aplausos do auditório))
- L2 veja que:: ((gritos do auditório)) você me atribui um poder de persuasão que eu não sei se tenho... o que eu sei que tenho
- L(?) □ (incompreensível)
- L2 □ bom então se tenho obrigado ((risada do locutor e aplausos do auditório)) agora... agora... agora pessoal... o que eu sei que tenho é o seguinte... é o que muitos de vocês têm... eu não sei fazer nada na minha vida que não seja com paixão... com ardor e ((risos e gritos do auditório)) com vontade ((risos e gritos do auditório)) não não a paixão piegas ((risos)) não... não... cês estão entendendo... não é essa paixão não é essa paixão piegas paixão piegas é uma paixão no sentido de me dedicar inTEgralmente àquilo que eu tô fazendo... então... então... às vezes... às vezes... vocês é como ela entende a persuasão... ah:: talvez seja a vontade que eu tenho de transmitir a Minha verdade cada um tem a sua verdade... (...)

O interlocutor L12, ao comprometer o entrevistado com o que disse, cria um enquadre de um político que menospreza o seu eleitorado. Porém, o entrevistado promove um realinhamento ao tentar mudar o enquadre criado por L12, utilizando um recurso metadiscursivo quando traz para seu enunciado uma avaliação do discurso produzido por L12: “você me atribui um poder de persuasão que não sei se tenho”.

Collor provoca uma outra mudança de *footing* sinalizada pelo marcador metadiscursivo: “o que sei que eu tenho é o seguinte”. Sendo assim, L2 muda o enquadre “persuasão” construído por L12 e constrói um novo: “é paixão e vontade”, não aceito pela plateia, que produz gritos e risadas.

O locutor L2, percebendo que não foi compreendido como pretendia, reconstrói seu enunciado para conseguir a interpretação desejada para o seu novo enquadre: “não a paixão piegas ((risos)) não... não... cês estão entendendo...(…) é uma paixão no sentido de me dedicar inTEgralmente àquilo que eu tô fazendo...”.

7. Considerações finais

Cada enquadre faz com que o interactante estabeleça um *footing* distinto, isto é, os participantes de uma interação procuram um alinhamento para si e para os outros participantes, conforme o enquadre estabelecido. Se houver uma mudança de enquadre,

⁵ Goffman (1974), em seus estudos, define a noção de face como uma expressão social do eu individual. Sendo assim, em determinados encontros sociais, podem ocorrer incidentes que ameacem a face de um dos interactantes, ou seja, que prejudique a imagem social de um dos participantes da interação.

esses participantes precisam se alinhar novamente, de acordo com a nova situação estabelecida, ou seja, precisam provocar um *footing*.

Sendo assim, pudemos observar, nas análises realizadas, que numa linha de ação coerente com seus objetivos, o entrevistado (L2) projetou uma definição da situação em que informou, a seus interlocutores, como deveria ser interpretada sua imagem (GOFFMAN, 2004); entretanto, os outros participantes não aceitaram e provocaram constantemente uma mudança de *footing* (GOFFMAN, 2002), ou seja, uma mudança na projeção do eu, um realinhamento de postura que ocasionou novos enquadres (sentido construído em uma interação). Esses novos enquadres realizados pelos entrevistadores (L1, L12 e L13) dificultaram a tentativa de Collor (L2) em construir e reconstruir uma imagem abalada pelos escândalos políticos de 1992, durante a entrevista televisiva no Programa Livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Z. G. O. Diálogos da mídia – o debate televisivo. In: PRETI, D. (Org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 171-193.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- COSERIU, E. Determinacion y entorno. In: _____. *Teoria del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1962.
- DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds). *Rethinking context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ERICKSON, F; SHULTZ, Jeffrey. O “quando” de um contexto. Questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOFFMAN, E. *Les rites d'interaction*. Paris: Les editions de minuit, 1974.
- _____. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press, 1986.
- _____. *Footing*. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. São Paulo: Vozes, 2004.
- GUMPERZ, J.J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University, 1997.
- _____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HALLIDAY, M.A.K. *Language as social semiotic*. The social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.
- KATO, M. *No mundo da escrita*. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1993.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les Interactions Verbales*. Paris: Armand Collin, t. 1, 1990.

- MALINOWSKI, B. The problem of meaning in primitive societies. In: OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A. (Eds.). *The Meaning of meaning*. London: Kegan Paul, 1923.
- PARRET, H. *Enunciação e pragmática*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. p. 15-21.
- RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- RISSE, M. S.; JUBRAN, C.C.A.S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *DELTA*, São Paulo, v. 14, especial, p. 227-242, 1998.
- SILVA, L. A. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, D. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- TANNEN, D. *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, 1983.
- _____; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Discurso, notícia e ideologia*. Porto: Campo das Letras, 2005.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

- WYSOCKI, B. *Interação face a face: um estudo das estratégias discursivas na reconstrução da imagem*. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.